

# **Título: Antropologia e permeabilidades: O caso do serviço de transmissão da mensagem de Narcóticos Anônimos em uma penitenciária feminina da região sul do país<sup>1</sup>.**

*Juliana Deprá Cuozzo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A partir de uma pesquisa de campo entre um grupo de Narcóticos Anônimos/NA que originou o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais/ UFRGS, estava interessada a partir de uma orientação antropológica em compreender o significado da recuperação para os membros e em indagar sobre o contexto da adicção junto ao sistema adicção-recuperação produzido por NA e experienciado por seus participantes cotidianamente. A continuidade desse trabalho no curso de mestrado leva em conta uma particularidade desse serviço da Irmandade, quando ele se desloca e permeia um espaço social institucional o qual o Estado tem a tutela, ou seja, na penitenciária feminina *Madre Pelletier*, localizada em Porto Alegre, RS. O foco deste artigo se concentra em algumas partes do percurso percorrido por algumas mulheres, membros de NA as quais se deslocam e permeiam esse espaço institucional, com o objetivo de realizar o serviço de transmissão da mensagem de NA. Trata-se de apontar o formato das reuniões, as organizações que precedem essa situação, bem como os significados atribuídos pelas participantes não reclusas a essa experiência, no que se refere à relação entre a recuperação do outro e de si. A metodologia utilizada nas reuniões dentro da penitenciária é a de observação participante, além de entrevistas com as mulheres membros.

Palavras-chaves: serviço de transmissão da mensagem, Narcóticos Anônimos, recuperação, penitenciária.

## **Introdução**

A partir de 2008 iniciei um trabalho de campo etnográfico em um grupo de Narcóticos Anônimos/NA. Interessei-me, a partir de uma orientação antropológica, em compreender o significado da recuperação para os membros, em indagar sobre o contexto da adicção, sobre o que pode ser entendido como um sistema adicção-recuperação produzido por NA e experienciado por seus participantes cotidianamente. Trata-se de um sistema que se retroalimenta tendo em vista que a condição auto-reconhecida, aberta e atualizada constantemente de adicção, realiza-se quando

---

<sup>1</sup> IV ENADIR, GT 01: “Antropologia nas prisões: sobrecargas de segregações”.

articulada com a recuperação, que por sua vez também é aberta e constantemente atualizada pela condição auto reconhecida de adicção.

Busquei compreender um contexto que se baseia, sobretudo, na ideia de vontade própria do sujeito como base para uma recuperação e de uma política de participação em grupos de ajuda mútua. O trabalho de campo para esta pesquisa construiu-se na participação de reuniões abertas – aquelas em que qualquer pessoa pode frequentar, como: amigos, familiares, conhecidos, interessados, desde que com a autorização dos membros dos grupos, preservando o Princípio do Anonimato. Por meio das partilhas dos membros – momento durante a reunião em que cada membro fala individualmente sobre os aspectos da sua própria recuperação - pude me aproximar da experiência de recuperação desses participantes, assim como dos seus princípios e das prescrições.

Como objeto específico, esta pesquisa se concentrava em diferentes concepções de recuperação, da adicção e as suas implicações na (re) organização da vida dos participantes de grupos de ajuda mútua. Foquei-me principalmente em um conjunto de princípios que também faz parte desse Programa de Recuperação, os quais constantemente estavam presentes nos relatos dos membros nas reuniões em que participei. Dentre eles, destaco aqui principalmente a chamada transmissão da mensagem, que significa uma divulgação do propósito de uma vida abstinência de qualquer substância psicoativa, por meio do ingresso na Irmandade (Loeck, 2009). A transmissão da mensagem consiste em levar as palavras de NA, seus princípios e perspectivas a pessoas que podem, em algum momento, sentirem-se motivadas a participar.

A transmissão da mensagem conforma-se em um caminho de mão dupla: ao mesmo tempo em que tem no horizonte a recuperação de pessoas que não conheçam e/ou não estejam fazendo parte de NA, ela mesma, por parte dos participantes de NA, é uma prática permanente de sua recuperação. A continuidade desse trabalho de conclusão de curso no nível do mestrado leva em conta uma particularidade desse serviço da Irmandade, que é quando a transmissão da mensagem se desloca para um espaço social institucional o qual o Estado tem a tutela, ou seja, na Penitenciária Feminina chamada *Madre Pelletier*, localizada na cidade de Porto Alegre/RS.

O presente artigo se restringe a uma parte específica do caminho percorrido por algumas mulheres de NA com vistas à realização do serviço de transmissão da

mensagem no espaço prisional. Tem como foco os grupos na permeabilidade da situação penitenciária, e mais especificamente, sobre a permeabilidade na Penitenciária Feminina *Madre Pelletier* por meio do serviço específico de Narcóticos Anônimos. Trata-se de uma questão mais exploratória, quando lanço mão da noção de permeabilidades a partir de temas diversos de outros trabalhos acadêmicos para apresentar brevemente reflexões sobre o meu trabalho de campo.

## **1. Metodologia**

A metodologia adotada neste artigo é a análise de entrevistas em profundidade realizadas a partir do mês de agosto de 2014 com uma mesma mulher, a qual é membro de Narcóticos Anônimos e realiza o serviço de transmissão da mensagem na Penitenciária Feminina. Por se tratar, no presente artigo, de uma história advinda de uma única interlocutora, essa poderá ser referida no decorrer desse trabalho sob os seguintes termos: entrevistada e participante. O contato inicial entre a pesquisadora e essa participante da Irmandade foi proveniente de relações sociais advindas com outros membros de NA durante o trabalho de campo que se iniciou na monografia de conclusão de curso. Nesse sentido, embora esse artigo trate de uma parte específica do trabalho de campo, o tempo todo, a pesquisa iniciada anteriormente guia e orienta as questões aqui exploradas.

Juntamente com a autorização e o consentimento dessa participante, tem-se, em abril de 2015, a autorização da Escola do Serviço Penitenciário/ESP, RS, do Setor responsável pelas pesquisas entre a Superintendência de Serviços Penitenciários (SUSEPE) e as Instituições de Ensino Superior para a realização da pesquisa na Penitenciária Feminina *Madre Pelletier*.

As justificativas para a realização dessa pesquisa se pautam inicialmente na importância da noção de serviço para a Irmandade de Narcóticos Anônimos. Quando muitos membros se identificam como sendo um “fruto” de algum serviço realizado por outro companheiro atualmente de NA, a justificativa também se pauta em se refletir sobre um tipo específico de recuperação, a que segue a lógica de Narcóticos Anônimos, em um espaço de responsabilidade estatal, sem ao mesmo tempo ser gerenciado diretamente pelo Estado. Soma-se a isso ainda a importância de se falar em alguma medida das instituições penitenciárias e de seu funcionamento no que tange a possibilidade de garantir os direitos de acesso às mulheres que se identifiquem de

alguma forma com a noção de recuperação de Narcóticos Anônimos, ou que tenham horizonte de possibilidade de conhecer a Irmandade. Ou seja, a justificativa dessa pesquisa se encontra na compreensão da relação entre penitenciária, reclusão e a recuperação de Narcóticos Anônimos, no que se refere aos encontros de NA dentro desse espaço específico.

Ressalto que não se trata aqui de buscar os motivos que fizeram ou não com que esses sujeitos de pesquisa se envolvessem em uma relação considerada por eles enquanto problemática com as chamadas substâncias psicoativas. Tampouco se trata de emitir valores sobre as chamadas substâncias psicoativas, ou sobre a noção de recuperação de Narcóticos Anônimos, experienciada de alguma forma por pessoas presentes nos encontros desse serviço realizados na Penitenciária Feminina. Ressalto também que os termos recuperação, adicção, adicto, partilha dentre outros presentes na lógica de Narcóticos Anônimos são grafados da sua forma usual uma vez que assim são expressos pelos próprios membros, ou seja, são termos próprios que significam uma série de princípios e de prescrições norteadores de vida de um grupo específico.

## **2. Permeabilidade na Penitenciária**

O termo permeabilidade pode sugerir uma separação entre no mínimo dois espaços entendidos de antemão como separados entre si, possíveis de estarem em relação de permeabilidade apenas quando demarcados circunstancial e temporariamente, e tendo como característica a passagem definitiva de algum objeto, informação, ou outro recurso qualquer. Porém, as leituras de algumas referências bibliográficas e as interpretações iniciais do meu trabalho de campo me fazem pensar em permeabilidade não apenas em espaços como aparentemente isolados entre si, mas quando se mobiliza uma passagem e circulação de uma lógica própria, como o que ocorre em Narcóticos Anônimos.

A presente pesquisa faz refletir em mais do que deslocamentos de pessoas em diferentes distâncias físicas. A permeabilidade a que me refiro se atenta em como a lógica de recuperação de Narcóticos Anônimos, Irmandade autodeclarada como autônoma e que, independente de qualquer outra instituição, pode operar em uma instituição estatal. Além disso, como hipótese inicial, essa permeabilidade não ocorre apenas nos momentos de encontros de NA dentro da penitenciária feminina referida, ou seja, a permeabilidade da lógica de recuperação de Narcóticos Anônimos não se faz

apenas na presença concreta e temporal das mulheres servidoras – não reclusas - nos encontros dentro da penitenciária ou no seu atravessar de diferentes espaços físicos. Essa permeabilidade não se determina por esse contato pessoal entre mulheres servidoras e mulheres reclusas, por mais que se fortaleça nele e tenha o seu princípio de constituição a partir dele.

Apostando nessa noção de permeabilidade da mensagem de Narcóticos Anônimos não restrita a apenas uma passagem de pessoas por espaços com limites físicos bem demarcados, é que desenvolvo sucintamente um breve histórico bibliográfico dessas permeabilidades no que diz respeito a situação penitenciária geral.

## **2.1. Breve histórico: permeabilidades em situação penitenciária**

Existem várias formas de permeabilidades de pessoas e grupos na situação penitenciária, e essas carregam suas próprias concepções e objetivos. Essas permeabilidades são desde caráter religioso, atuação de agentes de segurança penitenciária, de revistas vexatórias, dentre muitos outros.

O trabalho de Vargas (2005) “Religiosidade: mecanismos de sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal” ressalta como grupos religiosos de diferentes denominações assistem as chamadas internas da Penitenciária Feminina do Distrito Federal, e como as manifestações religiosas informais ocorrem entre as reclusas. Ambos os movimentos citados podem ser entendidos como atuando no sentido de provocar uma religiosidade de refúgio e de alívio em relação à situação de reclusão. A permeabilidade desses diversos grupos na penitenciária é planejada anteriormente, organizada e distribuída em um acordo entre a gestão da penitenciária e os grupos. Essa permeabilidade se estende, nas manifestações religiosas informais, de acordo com a autora, quando ocorre a prática individual ou grupal entre as reclusas de estudos, orações, dentre outras atividades de aspecto religioso.

Para além das práticas religiosas, outra forma de permeabilidade pode ser compreendida pelo trabalho de Taets (2014) desenvolvido a partir de sua dissertação de mestrado, sobre a narrativa de uma única agente de segurança penitenciária, a qual é conhecida por sua militância em direitos humanos, por sua trajetória de luta a favor dos direitos das pessoas reclusas. De acordo com a autora é por meio de uma capacidade de sentir dor que se constrói uma identificação entre essa agente de segurança e as reclusas,

extrapolando as formas estabelecidas de regras de castigo, formas de contato e de proximidade, e os tipos de cuidados dentro de uma instituição penitenciária. Dessa forma, a permeabilidade não se refere apenas ao trânsito de um espaço não penitenciário em direção a um penitenciário, de uma interpretação de fronteiras rígidas entre o que poderia ser entendido como o “dentro” e o “fora”, o “interior” e o “exterior” no que tange a questão penitenciária.

A permeabilidade diz respeito a dor como elemento ativado da memória em uma narrativa, tendo uma força mobilizadora que atinge e provoca uma identificação entre agente penitenciária e mulheres reclusas, mais do que a situação social e educacional comuns a ambas. Ou seja, essa dor provoca outra permeabilidade, aquela que pode ser compreendida como permeável mesmo fisicamente “dentro” desse espaço institucional penitenciário. Isto pode ocorrer quando a própria agente penitenciária ultrapassa os limites considerados possíveis de relação e “cuida” de alguma forma daquela reclusa, seja por meio de cuidados de um corpo biológico, como curativos, seja por meio de estratégias consideradas como transgressoras, como é o caso das denúncias públicas.

Nesse mesmo contexto, o trabalho de Godoi (2013) mostra como a chamada revista vexatória, um dos procedimentos de revista corporal para o acesso das visitantes nas penitenciárias interioranas do estado de São Paulo que possui a finalidade de evitar a entrada de alguns objetos, faz parte de um processo mais amplo de visitação. Aparentemente, o ato pode ser compreendido como uma prática isolada e restrita de verificação, de estar no “cubículo”, como o autor denomina quando se refere à prática obrigatória pelas agentes de segurança penitenciárias em relação às visitantes. O “cubículo” de acordo com o autor “não fica totalmente dentro, nem totalmente fora da prisão” (2013: 01), é uma transição, porém, não encerra em si esse processo de visitação que se estende para além dos limites físicos da penitenciária, ou seja, a revista não se caracteriza por apenas permear tais limites.

O autor se refere a uma possibilidade de início das revistas, quando na viagem em direção às penitenciárias interioranas, organizadas pelas próprias familiares visitantes, podem-se ocorrer abordagens de policiamentos, com o objetivo de captar informações, em um processo de soma de etapas que se inicia com a próxima visita ao recluso na oportunidade seguinte. Essa possibilidade tem continuidade no retorno da viagem quando o trajeto de volta dessas mulheres até suas residências também pode ser

alvo de outras revistas. Nesse sentido, a revista não se encerra apenas quando se transita e circula pelo limite desses dois espaços, o “penitenciário”, e o “não-penitenciário”.

Como um processo mais amplo de visitação, a revista não é uma permeabilidade apenas quando se trata de percorrer esses dois espaços. A revista é uma permeabilidade que transcende ao “cubículo”, quando a visitante está na posição de passageira, na viagem de ida ou volta da unidade penitenciária. Dessa forma, retomando o trabalho de Taets (2014), a permeabilidade pode ocorrer entre pessoas em diferentes posições, agente de segurança penitenciária e reclusa dentro de um mesmo espaço, o penitenciário, enquanto no trabalho de Godoi (2014) a permeabilidade pode ocorrer dentro de um mesmo espaço, não sendo esse necessariamente o penitenciário.

Para a minha pesquisa de mestrado, a permeabilidade da mensagem de Narcóticos Anônimos, como mostro a seguir, não diz respeito apenas quando se atravessa um percurso físico o qual conecta dois espaços. A permeabilidade pode tratar das articulações das servidoras que antecedem a realização do encontro, podem se referir à própria recuperação da servidora no encontro, como também pode tratar da minha hipótese inicial, a qual a mensagem de NA circula entre as próprias reclusas de variadas formas, produzindo entre elas conhecimento, interesse, e iniciativa pelo Programa de recuperação de Narcóticos Anônimos.

### **3. Permeabilidades na Penitenciária: serviço específico de Narcóticos Anônimos**

A Penitenciária feminina *Madre Pelletier* é um espaço de permeabilidade para a realização do serviço de “transmissão da mensagem” de Narcóticos Anônimos. Para tanto isso envolve dentre vários outros aspectos que por constrangimentos de tempo e de espaço desenvolvo apenas o seguinte: as articulações advindas das próprias servidoras.

A escolha desse elemento se justifica em apresentar como ocorre não apenas uma permeabilidade física movida pelo propósito da mensagem de Narcóticos Anônimos, de mulheres não reclusas ocupando esse espaço de reclusão temporariamente, como de uma permeabilidade não física, quando o que circula é a própria mensagem na direção da recuperação de si.

#### **3.1. Mobilizações: o encontro de Narcóticos Anônimos dentro da Penitenciária Feminina**

O formato dos encontros de Narcóticos Anônimos dentro da penitenciária feminina em questão tem como características a presença e o trânsito das servidoras que realizam o serviço de “levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”. O encontro não é algo fechado para as servidoras, existindo mobilizações para a sua realização, mostrando uma movimentação constante no que se relaciona a noção de recuperação de si e da outra.

Para as servidoras, as funções se distribuem principalmente entre a líder do painel e as oradoras. A pessoa que é líder do painel é quem tem a responsabilidade de coordenar aquele serviço específico de Hospitais e Instituições (HI), antes mesmo do seu início dentro da penitenciária. Em linhas gerais, esse serviço é composto por uma organização que pode abranger desde contatos telefônicos prévios a cada novo encontro com a penitenciária, o envio de uma lista dos nomes das mulheres servidoras para aquele encontro específico, facilitando a entrada de cada uma delas na instituição. Como também é a forma de se fazer saber sobre algum eventual imprevisto de ambos os lados e que impossibilite o encontro específico esperado.

Durante o encontro, a organização se segue pela líder do painel com o acompanhamento durante todo o encontro seguindo a própria literatura de Narcóticos Anônimos. Dessa forma, é responsável pelo esclarecimento sobre a Irmandade de Narcóticos Anônimos e seus princípios, para no caso principalmente de estarem presentes recém-chegadas. Assim como pela organização do tempo das partilhas das oradoras presentes, como o tempo das falas das reclusas que assim desejarem e pela abertura para perguntas e dúvidas das reclusas em direção as servidoras.

Após o encontro, a organização tem continuidade, quando a líder do painel e demais participantes daquele serviço que desejarem, comparecem até uma reunião de Narcóticos Anônimos (fora da penitenciária) e na presença de outros membros tem como objetivo “prestar contas” sobre aquele serviço específico “finalizado”. Nessa ocasião é quando se fala e se entrega por escrito em formato de um relatório, as informações de como se deu aquele encontro: o número de pessoas reclusas e servidoras presentes, as perguntas e respostas feitas, e qualquer outro elemento que se entenda como importante de ser informado ou de se obter esclarecimento sobre ele naquela ocasião. Esse serviço tem como um “guia” parte da literatura de Narcóticos Anônimos,



ou seja, ele precisa obedecer e seguir esclarecimentos específicos da lógica da Irmandade.

As oradoras presentes em cada encontro são no número mínimo de uma pessoa, e essas muitas vezes já têm conhecimento sobre os encontros de NA por meio das reuniões que frequentam fora da penitenciária, e são mobilizadas pela líder do painel para participar, por qualquer outro membro de Narcóticos Anônimos, ou por si mesmas. As oradoras são as responsáveis pelas partilhas<sup>2</sup> cumprindo um tempo cronometrado pela líder de painel, e após essas partilhas respondem as perguntas advindas das reclusas diretamente a elas.

Ambas as funções, as de líder de painel e de oradoras são temporárias. A mudança em relação à primeira delas precisa ser informada nas reuniões em que se presta conta sobre os serviços. A função de oradora corresponde à duração de cada serviço específico, a partir do momento em que se finaliza um encontro, organizam-se novas ou as mesmas oradoras para o próximo, dependendo da disponibilidade das pessoas, o que novamente é informado nas reuniões que ocorrem fora da penitenciária.

As duas funções descritas não excluem a participação simultânea dessas membras de NA em outros cargos da Irmandade para fora da penitenciária, como, por exemplo, as de secretária e tesoureira de grupos, ou até mesmo de uma pessoa que é líder de painel em um serviço e que pode realizar a função de oradora em outro serviço, ou ainda ser oradora em mais de um desses serviços. Para a realização dessas duas funções é sugerido por Narcóticos Anônimos um tempo “limpo”<sup>3</sup> determinado como também a participação em reuniões de treinamento, as quais ocorrem em conjunto com outros membros nas reuniões em que se faz a prestação de contas.

As articulações das servidoras para ocorrer à realização dos encontros dentro da Penitenciária Feminina são inúmeras. Como trabalhado anteriormente, a permeabilidade da mensagem de NA dentro da penitenciária não se resume a passagem de um espaço não institucional para um institucional. As articulações abrangem desde a presença mínima e obrigatória da líder do painel e de uma oradora, os treinamentos, contatos

---

<sup>2</sup> As partilhas são como os membros de Narcóticos Anônimos se referem ao momento quando falam da recuperação de si nas reuniões da Irmandade. Comumente o tempo da partilha é cronometrado por outro membro, sendo avisado por esse, o tempo que ainda resta para a partilha de cada participante.

<sup>3</sup> O tempo limpo é o termo utilizado pelos membros para se referir ao tempo que estão sem fazer uso de alguma substância psicoativa, e seguindo os preceitos do Programa de Recuperação de Narcóticos Anônimos.

telefônicos prévios, prestação de contas posteriores, dentre inúmeros outros elementos. Juntamente a essas articulações de engajamento, soma-se o caráter aberto dos encontros por parte das servidoras, quando elas participam temporariamente dos serviços e de forma simultânea a outros, possibilitando dessa forma segundo muitas delas, a sua própria recuperação. Nesse sentido, o serviço de transmissão da mensagem na penitenciária feminina faz parte da recuperação daquela servidora, uma vez que a permeia de uma forma não definitiva e acabada, podendo estar relacionado com outras atividades e compromissos dessas mulheres na Irmandade.

Todas essas articulações que permitem a permeabilidade física para a realização do serviço de recuperação de Narcóticos Anônimos permitem também a permeabilidade não física, a da circulação da mensagem, o que impulsiona a própria recuperação de quem ocupa a posição de servidora naquele encontro. Dessa forma, para a circulação da mensagem, uma interlocutora de pesquisa me relatou sobre o conteúdo de sua partilha. Segundo ela,

falar sobre o positivo ou o negativo né, digamos assim. O quê que eu tenho que partilhar, qual é a função de Narcóticos Anônimos: é de levar a mensagem ao adicto que ainda sofre, então o ideal é que a minha partilha seja de força, de fé e esperança. Eu tenho que falar o que que tá funcionando pra mim. E o que que não tá funcionando. Às vezes claro, se eu tenho alguma dificuldade e eu não consegui falar com o meu padrinho, ou eu quero falar em sala, eu posso falar, se eu quiser ajuda, *oh eu queria que alguém me desse um retorno depois na hora do intervalo, porque eu tô com uma situação ou tô com uma situação que tá me incomodando* eu preciso botar isso pra fora, vai haver isso. Mas o ideal dentro de uma sala de recuperação é que tu fale sobre o que que está funcionando, como você está fazendo pra ficar limpa naquele dia, ou naqueles dias né anh, se tem algum pensamento ruim, como é que você fez pra desvirtuar esse pensamento, ou se você teve uma dificuldade e não usou, isso, de falar isso já é uma partilha que ajuda já é uma mensagem, olha tô passando por dificuldades mas nem por isso eu tô usando drogas.

Juntamente com o teor dessa mensagem, de uma “partilha de força, fé e esperança”, soma-se a noção expressa pela mesma entrevistada de que uma “recuperação não é fácil, mas é possível”, e o significado que a mesma atribui a esse seu serviço de Narcóticos Anônimos na Penitenciária Feminina. De acordo com ela: “toda vez que vou no presídio feminino é emocionante. Não tem uma vez que eu não vá lá que

eu não me emocione. Que eu não chore, até falando assim me emociona. Desde o momento de ir sabe da hora que a gente faz a oração no início né”.

Assim, segundo essa entrevistada, o objetivo do serviço de mensagem de HI é o “de levar a mensagem para quem não tem acesso a ela, quem não tem livre acesso”. O objetivo desse princípio reverte-se pela noção de ajuda-mútua na “recuperação” de si mesma, como me foi relatado por mais de uma das participantes. Elas me explicaram que as reclusas acham que estão sendo ajudadas pelas servidoras nos encontros de Narcóticos Anônimos dentro da penitenciária, mas que segundo as participantes quem estão recebendo ajuda são elas mesmas.

### **Considerações Finais: Algumas reflexões sobre a permeabilidade do serviço de “transmissão da mensagem” de Narcóticos Anônimos no cenário da Penitenciária Feminina *Madre Pelletier***

A mensagem de Narcóticos Anônimos é o que comunica de acordo com a lógica da Irmandade as mulheres servidoras com as mulheres reclusas, desde a simples presença das primeiras nesse espaço penitenciário. Porém argumentei no corpo desse texto que outras permeabilidades, para além da física - das primeiras ocupando o espaço institucional penitenciário – também provocam e mobilizam a realização e a continuidade desse serviço. Ou seja, a mensagem coloca e produz para essas pessoas simultaneamente reclusas e frequentadoras dos encontros de Narcóticos Anônimos na Penitenciária Feminina *Madre Pelletier* a possibilidade de novos encontros pela produção de identificação de um passado com as partilhas das servidoras.

Essa permeabilidade da lógica de Narcóticos Anônimos, ou da sua mensagem, realiza-se para as reclusas pela circulação da mensagem entre algumas delas, ao ponto das recém-chegadas frequentarem a esses encontros por iniciativa e convites de outras reclusas, em um movimento que cria expectativas para os próximos encontros e que vai além de uma organização mesmo que aberta, mas pré-estabelecida das possíveis participantes dos grupos. Para as servidoras, a permeabilidade da recuperação de NA se inicia antes mesmo dos próprios encontros na penitenciária, e atinge o movimento de rememoração e de ressignificação de um passado biográfico que não está separado ou desconectado de um presente cotidiano, que para ser de recuperação necessita constantemente dessa lembrança e atualização.

A partir da lógica de permeabilidades, essa discussão exploratória traz um quadro de possibilidades de análise da mensagem, que não apenas daquele pautado em uma noção de separação de antemão entre o que seria o “dentro” e o “fora” em relação a uma instituição penitenciária. Essa perspectiva permite estender e alongar o que seria aparentemente uma passagem definitiva e acabada, trazendo a tona uma ideia de movimento e de circulação constantes.

### **Bibliografia**

GODOI, R. “Nem dentro, nem fora: a logística da visitação em penitenciárias do oeste paulista”. 2013 <http://www.veratelles.net/wp-content/uploads/2013/10/RafaelGodoi-Nem-dentro-nem-fora.pdf>

LOECK, J. F. “Adicção e Ajuda Mútua: Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre” (RS). 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TAETS, A. “O dizível e o indizível: narrativas de dor e violência em cárceres brasileiros”. *Anuário Antropológico* / 2013, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 1: 169-194.

VARGAS, L. O. “Religiosidade: mecanismo de sobrevivência na penitenciária feminina do Distrito Federal”. In: *Religiões e Prisões*. p. 30-40. *Comunicações do ISER* Ano 24, 2005, n. 61.